

A estrela polêmica de Sachs

Nem o polêmico Roberto Mangabeira Unger havia provocado debates tão acalorados na platéia do seminário "Globalização. O que é e suas implicações", promovido pela Faculdade de Economia e Administração (FEA) da Universidade de São Paulo, quanto aqueles que se seguiram à apresentação de Jeffrey Sachs, economista americano e professor da Universidade de Harvard.

Com o tema "Capitalismo global", Sachs historiou a evolução da economia de mercado desde o século IXX; analisou suas formas de difusão no século XX; e constatou, como conclusão, que o capitalismo havia se provado uma forma "superior" de organização econômica.

Convidado a comentar a apresentação de Jeffrey Sachs, o professor e banqueiro João Sayad, foi direto: "Não poderia discordar com tanta profundidade de alguém como discordo do professor Jeffrey Sachs". A discordância começou pela "superioridade do mercado". "O mercado funciona bem nos Estados Unidos porque está cercado por um mar de não-

mercado, que são as instituições americanas. O mercado não funciona bem no Brasil porque não sabemos onde ele acaba". Sayad foi jocoso. "Acreditando na superioridade absoluta do mercado, por exemplo, gastaria US\$ 1 milhão para conquistar uma cadeira no Congresso brasileiro, e passaria o resto do meu mandato arranjando uma maneira de tirar meu investimento e conseguir algum lucro."

Desculpando-se por sua "eventual agressividade", Sayad foi em frente criticando o uso dos chamados "tigres asiáticos" como paradigma de desenvolvimento. "A única coisa que aqueles países têm de liberal é um crescimento baseado em exportações. O resto é fruto de uma cultura autoritária. Foram todos ajudados no pós-guerra pelo orçamento militar americano. O que um país de passado ibérico e sonho americano, como o Brasil, tem a aprender com países que chegam a proibir que adolescentes fumem em público? Vocês já pensaram o Fernando Henrique Cardoso tentando convencer a juventu-

de brasileira a não fumar? Seria mais difícil que aprovar a reforma da Previdência".

Da platéia, se insurgiu o professor François Chesnais, da Universidade Paris XIII, para cobrar de Sachs o desempenho da economia americana. "Como o senhor cobra austeridade fiscal se a pátria do capitalismo mundial exibe o maior déficit orçamentário do mundo?", bradou, de pé, o professor francês. Àquela altura, Sachs também se levantara para contestar os números exibidos pelo professor francês e lhe entregar seu cartão de visitas. "Não sou membro do governo americano, mas professor da Universidade de Harvard."

A Sayad, provocou com a afirmação de que o Brasil, a exemplo dos países asiáticos, também havia alcançado crescimento sob a sombra de um regime autoritário. Devolveu os comentários com igual acidez. "Sinto lhe dizer que também discordo de praticamente tudo o que ouvi", disse Sachs, retirando-se, em seguida para o almoço, ainda surpreso com o calor das discussões. "Achei que tudo que falava era consenso." ■